

AUMENTA o interesse pela fase republicana. O Estado de São Paulo, São Paulo, 10 out. 1976.

Aumenta o interesse pela fase republicana.

Do Estado Da Sucursal de CAMPINAS

10/10/76

Ao contrário do que ocorria há pelo menos dez anos, verifica-se hoje, no Brasil, um crescente interesse dos estudiosos pela História mais recente, registrando-se atualmente um volume maior de estudos e teses sobre o período republicano. A observação é de José Roberto do Amaral Lapa, professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, e que vai lançar este mês o livro "A História em Questão".

Se, de um lado, o governo toma a iniciativa de promover encontros e simpósios, além de editar vultosas obras de História, essa disciplina está sendo esvaziada em todos os graus do sistema de ensino. As universidades e faculdades isoladas desestimulam a criação de cursos de graduação em História e muitas estão fechando os que vinham mantendo.

Para José Roberto do Amaral Lapa, "os BRASILIANISTAS, norte-americanos ou russos, europeus ou orientais, são acusados de fazerem, bem ou mal, a História do Brasil, em condições e com recursos muito acima do comum dos colegas brasileiros. Ao mesmo tempo, a produção intelectual destes últimos se vê tolhida por dificuldades diversas: não encontram editoras, as poucas revistas levam mais de um ano para publicar um artigo de valor e o debate intelectual não tem plataformas para sua expansão. Quanto às condições e à instrumentação do trabalho, geralmente estão muito longe dos padrões científicos ideais.

Em grande escala, conforme lembra o professor da Unicamp, pratica-se ainda um trabalho artesanal, ao mesmo tempo em que os grandes temas são adiados ou simplesmente ignorados. Aponta-se o conhecimento histórico elaborado no Brasil como burguês e reacionário, mas historiadores foram aliados das universidades oficiais, enquanto esse conhecimento foi posto sob vigilante censura no seu processo de elaboração e transmissão. Essas são algumas das limitações que pesam sobre o trabalho do historiador e do professor universitário de História e também dos estudiosos de forma geral.

José Roberto do Amaral Lapa fez uma análise sobre a temática das teses de doutoramento apresentadas, durante 30 dias, na Universidade de São Paulo, cujos trabalhos considera "um conjunto insuperável pela quantidade em relação a qualquer outra instituição brasileira e também pela qualidade com que se sobrepõem". A preferência revelou que professores e orientadores manifestaram maior interesse pelo estudo do Brasil Colônia, que aparece com 43,5 por cento do total das teses de doutoramento, vindo a seguir o Império com 32,6 por cento e a República com 15,2 por cento.

A resistência aos estudos do Brasil Republicano foi e é ainda bastante acentuada, pois a primeira tese referente a esse período surgiu somente em 1969. No entanto, o interesse mais recente pela História do

Império e da República, segundo José Roberto do Amaral Lapa, é devido a um complexo de causas, que podem ser assim resumidas: 1) influência das Ciências Sociais, como a Sociologia, a Antropologia e a Política, cujos estudos inovaram os métodos e técnicas de investigação e, a partir daí, destravaram o campo de análise do historiador e, portanto, a sua temática; 2) o fato de o historiador ter assumido uma posição crítica em relação à "época histórica" em que está vivendo; 3) a reformulação da visão do passado e a acertação do presente, como objeto de estudo; 4) o interesse do historiador, muitas vezes marcado por pruridos nacionalistas e pela problemática do desenvolvimento do País.

A FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) revela, em suas estatísticas, que o tema colônia não teve mais projetos financiados a partir de 1970, enquanto os trabalhos referentes ao Brasil-República mantinham um crescimento regular. Afirma ainda José Roberto do Amaral Lapa que "a análise dos estudos históricos na USP e na FAPESP demonstra, pelo menos em termos de São Paulo, que estamos vivendo um momento de plena "passagem" de um quadro historiográfico para outro, bastante diverso nas suas opções e técnicas de investigação, mas não apenas nelas, como na sua orientação ideológica". Possivelmente, em virtude das dificuldades iniciais que presidiram a organização da Faculdade de Filosofia da USP, bem como a formação de suas primeiras turmas é que houve demora na apresentação dos primeiros estudos de História do Brasil, feitos sob o influxo da universidade. Mas, com a criação da "Revista da História", em 1950, nela foram divulgados trabalhos de História do Brasil, elaborados por professores e alunos.

Ao fazer a apreciação do mercado editorial, José Roberto do Amaral Lapa explica que as grandes coleções representam uma certa continuidade de leitores, podendo, portanto, revelar as tendências de uma faixa bastante estável do mercado. Na "Coleção Brasileira", o maior conjunto de estudos brasileiros já editado, a História ocupa lugar privilegiado e nela a ordem de preferência dos livros é: 1) Império; 2) Colônia; e 3) República, esta com apenas um título publicado, no período de 1969 a 1974. Já na coleção "Documentos Brasileiros", a conclusão da comparação das obras publicadas nos últimos cinco anos (incluindo biografias e memórias), há uma inversão na escala temática em relação à "Brasileira": 1) República; 2) Império; e 3) Colônia.

Na "Coleção Corpo e Alma do Brasil", onde as Ciências Humanas oferecem o conjunto de estudos mais modernos sobre o Brasil, no sentido da sua metodologia e das técnicas de pesquisa, a sequência percentual dos temas foi: 1) República; 2) Império; e 3) Colônia. A tendência, portanto, dos estudiosos, segundo conclui o professor José Roberto do Amaral Lapa, é atualmente para o estudo do Brasil-República, ou seja, a História Contemporânea.